

Biografias resumidas

Renzo Marasca

(IT, 1977). Vive e trabalha em Lisboa. O artista tem um profundo interesse nas grandes questões filosóficas que movem o mundo. Marasca experimenta com pintura e desenho utilizando materiais incomuns na sua prática. Como antigo restaurador que passou para a pintura, ele viajou muito pela Europa, passando por Barcelona, Londres, Berlim e finalmente abriu seu estúdio em Lisboa. Participou em numerosas residências de artistas internacionalmente, como o Atelier LA54 em Berlim, o Centro de Arte Contemporânea PIRAMIDÓN em Barcelona e o AIR Funkhaus em Berlim, entre outros.

Seu trabalho pode ser encontrado em diferentes coleções institucionais, como na Embaixada Italiana na República de San Marino e no Museu de Arte Italiana, em Bengasi, Líbia. Ele também é muito bem representado em coleções privadas alemãs, brasileiras e portuguesas.

Graça Pereira Coutinho

Nasceu em Lisboa, em 1949, onde tirou o curso de escultura na ESBAL. Em 1971 foi estudar para Londres com o intuito de fazer uma pós-graduação na ST. Martins School of Art - ainda hoje continua a viver na mesma cidade. No ano de 1974 recebeu uma bolsa de ILEA, Londres e entre 1975 e 1977 foi bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Das inúmeras instituições em que realizou exposições destacam-se a Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa), Fundação de Serralves (Porto), Caixa Geral de Depósitos (Lisboa), Museu de Arte Contemporânea Osaka (Japão), MAC (Badajoz), Museu Histórico Nacional (Rio de Janeiro), Centro Britânico (São Paulo), Centro Cultural Ecco (Brasília). Expõe com frequência em Portugal e no estrangeiro: Todd Gallery, Londres; Galeria Graça Fonseca, Lisboa; Galeria Cristina Guerra, Lisboa; Galeria Porta 33, Funchal; Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa, entre outras. O seu trabalho encontra-se em diversas coleções particulares e nas coleções da Caixa Geral de Depósitos, Lisboa, Fundação António Prates, Fundação PLMJ, Lisboa, Museu de Arte Contemporânea Belém, BR, Museu de Arte Contemporânea Osaka, JP, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Museu do Oriente, Lisboa, MAC / CCB, Lisboa, entre outras. Destacamos ainda o Prémio recebido pela artista na Trienal de Osaka, Japão em 1991.

14.03. -
04.05.2024

Renzo Marasca
PALCOSCENICO



Projeto de

Graça Pereira Coutinho
Peace & Ruins

GALERIA
BELO-
GALSTERER



PALCOSCENICO

de Renzo Marasca

Elogio à Ficção

*E por um momento retorna o desejo de viver
A uma outra velocidade
Os trens ainda passam devagar para
[Franco Battiato]*

O interior do estúdio não refletia de forma alguma a fachada pesadamente decorada do edifício. Aquilo grande predio de canto, todo inclinado, dava a impressão de que fora concebido assim desde o início, com todos os azulejos danificados ou faltando e, quando presentes, descoloridos por uma camada de sujeira e poeira já impossível de remover.

A sala, embora não fosse gigante, em tempos fora um apartamento com muitos, mas muitos quartos, paredes divisórias e definitivamente corredores em excesso. Ainda era possível notar as mudanças de piso e os sulcos onde antes se erguiam paredes muito finas. Hoje, o estúdio do Mestre, por outro lado, se apresentava como um enorme retângulo, quase tão longo quanto a nave central de uma igreja. Pouco mobiliado, apenas o essencial para continuar trabalhando. Duas mesas de madeira lacradas de branco, muito compridas, percorriam boa parte daquele espaço limpo, imaculado, quase dando a impressão de estar em uma ala de doenças infecciosas de um hospital, não os públicos, entenda bem, mas sim os privados.

Duas grandes janelas estreitas e compridas sem cortinas deviam inundar literalmente o espaço de luz, embora naquele dia a luz lá dentro fosse fraca, um pouco rosada, certamente não refletindo o dia de sol cegante que existia além daquelas paredes.

A primeira coisa que a assistente da galeria notou foi exatamente essa sensação de uma dimensão um tanto abafada e suspensa, amplificada ainda mais pelo contraste com o mundo exterior.

A atmosfera era dada por duas pinturas em papel de arroz instaladas exatamente nas



Peace & Ruins

de Graça Pereira Coutinho

Desenhar é parar o Tempo¹

A Galeria Belo-Galsterer tem muito gosto em apresentar *Peace & Ruins* a primeira apresentação individual de Graça Pereira Coutinho na galeria, com este projeto individual cujo ponto de partida é uma série de pinturas sobre tela em técnica mista que se chama "Peace" (2005), que aqui na galeria é apresentada pela primeira vez, e colocada em diálogo com mais duas outras de trabalhos que nos farão não só refletir o que significa paz para cada um de nós mas também pensar sobre questões de matéria e materialidade.

Nas pinturas porque se apresentam como objetos perecíveis, frágeis, uma superfície cheia de movimento refletindo os continentes em deslocação – porque se olhamos bem por baixo da agitação existe uma mudança do que é a visão do mundo habitual: houve um *shift* e nada é como esperamos! Porque a paisagem é subjetiva: "Landscape relates to my body, my body relates to places, experiences and to feelings" (1975 - London)²

Nas cerâmicas que se chamam "Bules" a função original do bule para fazer chá – o chá que veio do Oriente e que se tornou um destino preferido da artista nas suas viagens pelo mundo - encontra-se camuflada pelos maneirismos dos ornamentos dos objetos tornando-os próximos de castelos de areia molhada feitos por crianças.

Os desenhos de 2020 presentes, são retratos feitos por ela, compostos por objetos do mundo real, pigmento, recortes e tinta sobre papel, como *snapshots* da vida, para sonhar, parar o tempo, não perder nenhum momento precioso desta vida única... Resumindo, com as palavras da própria: "DESENHAR. Para as crianças é uma linha. Para os adultos é saber continuar a brincar."³

Alda Galsterer
março 2024

¹ Título emprestado a um texto da artista, publicado no livro de artista feito pela ocasião da exposição "A Outra Mão" realizada na Fundação Carmona e Costa, Lisboa, 2015, p. 45.

² Comentário escrito pela artista em 1975 assinado com 1975 – London, nessa altura ainda a viver na capital britânica, reproduzido no catálogo "A Outra Mão" exposição realizada na Fundação Carmona e Costa, Lisboa, 2015, p. 3.

³ Desenho com anotações da artista de 15 de novembro de 2011, reproduzido no catálogo "A Outra Mão" exposição realizada na Fundação Carmona e Costa, Lisboa, 2015, p. 6.

construção humana e natural das narrativas. Diga na galeria que faremos a exposição, farei a minha esposa mandar todos os detalhes das obras ainda hoje de manhã, agora pode ir”.

Ele abriu a porta da casa de banho. e, virando-se, tirou o chapéu, cortesmente para ela e rapidamente fechou a porta com duas voltas. A menina ficou por alguns segundos atordoada, não tinha entendido bem o que acontecera, tudo tinha acontecido rápido demais. A percepção do tempo lhe parecia fortemente alterada e ela estava bastante convencida de que passara mais tempo à espera do mestre do que à conversa com ele.

Olhou em redor para tentar captar o máximo de detalhes possíveis das obras montadas na sala, mas não havia muito o que ver. Numa das mesas ainda havia fragmentos de trabalhos, pareciam ainda colados na superfície plástica que cobria a mesa. Eram recortes de papel de arroz sempre tratado com cera, mas em forma de gotas, sempre decoradas com os mesmos motivos e sinais típicos da prática do Mestre, mas era a primeira vez que ela os via.

Da casa de banho não vinha nenhum som, a jovem assistente não sabia o que deveria fazer, tentou esperar mais um pouco. Com os olhos tentava examinar o corredor no final da sala para onde a esposa do mestre havia desaparecido pouco antes, quando a mandou se acomodar e esperar. Instintivamente ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro entre as mesas, observando distraída as obras. Aqueles poucos minutos de espera pareciam intermináveis, ela tentava entender se tinha tido alguma culpa no ocorrido, mas não conseguia determinar isso sequer.

Talvez fosse hora de ir embora, dirigiu-se para a saída daquela longa sala tentando fazer o máximo de barulho possível, queria chamar a atenção de alguém. Chegando à porta de entrada, abriu-a com força e olhou ao redor esperando alguns segundos.

Nada aconteceu. Então decidiu limpar a voz ruidosamente e dizer “Então eu vou, até logo”. Esperou de novo, mas nada mais, silêncio. Rápido, saiu pela porta que se fechou violentamente atrás dela por uma súbita rajada de vento. Mais uma vez nada, absolutamente nada aconteceu!

Enzo Di Marino
março 2024

janelas. Apesar de o papel parecer transparente, servia inevitavelmente como filtro, principalmente por causa de tantos traços, quase filamentos intrincados de um verde escuro que percorriam verticalmente todo o trabalho.

A primeira pergunta que a assistente fez foi principalmente de natureza técnica, perguntava-se como se poderia alterar tanto o material, por meio de quais estranhas peripécias alquímicas, talvez mais apropriadamente definíveis como químicas, o Mestre conseguisse transformar um simples papel de arroz branco em uma estranha “pele sintética”. Enquanto a sua mente viajava pelas vastas contemplações da técnica, o seu pensamento foi interrompido pelo ruído constante e cadenciado da bengala no parquet. O Mestre se aproximava balançando, mancava visivelmente, mas apesar de o tempo não ter sido gentil com o seu físico, a sua aparência era decididamente cuidada e limpa, impecavelmente elegante.

“O que acha dos meus Fili d’Erba?” disse com voz baixa para a jovem assistente. “Vejo-a muito concentrada”.

“Olá, Mestre, bom dia”, disse ela virando-se abruptamente quase como um intruso apanhado em flagrante. “A sua esposa deixou-me entrar”. Então ela rapidamente acrescentou “Honestamente, eu estava a questionar-me sobre as dimensões desses trabalhos, não gostaria nada que não fosse possível instalá-los nas janelas da galeria”.

O Mestre desviou o olhar já no meio da sua frase, estava ocupado brincando com a bengala, tentando empurrar para baixo uma ripa levantada do parquet. Ele liquidou a pergunta com distração. “Por uma estranha coincidência, as suas janelas são iguais às minhas”.

Ela corou de embaraço. “Não me entenda mal, são lindas, é só que nunca discutimos as medidas...” interrompendo a frase com um risinho agudo. “... depois, não acho que vou chamá-los pelo mesmo título”, disse o Mestre como se estivesse retomando uma conversa iniciada sei lá quando. “Esse eu gostaria de chamar *Sipario*”, apontou para o trabalho na segunda janela, a do fundo da sala. “Gostaria que a exposição transmitisse a ideia de um artifício, de uma encenação, de algo que não esconda a ficção, mas que de alguma forma a elogie. Sempre gostei da ideia de um mundo como um palco, de uma realidade articulada e manipulada e nós, pobres atores colocados dentro dela, em busca constante de uma definição, inconscientes da artimanha, buscamos o real”.

A assistente sentia uma fascinação muito ingênua pelo Mestre, não tinha muitos argumentos a seu favor, mas apesar disso lançou-se numa afirmação que tinha o sabor de um leve desacordo. “Sim, claro, entendo o seu ponto de vista, mas algo real existe ou pelo menos deve existir”.

“Como assim?!” respondeu o Mestre um pouco irritado, finalmente levantando o olhar e prestando atenção pela primeira vez à jovem assistente. Os seus cabelos tinham um comprimento médio, ondulados e muito escuros. A sua pele era clara, quase pálida, os seus olhos também claros estavam escondidos por óculos grandes e espessos que, no

entanto, não conseguiam esconder a sua forte insegurança e timidez.

Apesar do temor reverencial, ela conseguiu falar com convicção. “Não quero cair num racionalismo superficial, longe de mim, mas a realidade que podemos tocar, estudar no microscópio, ver através dos canais de informação e comunicação oficiais, essa existe, é um facto!” Ela tinha se exposto muito mais do que esperava, estava mais do que surpresa por a sua iniciativa e dialética e não escondia uma certa satisfação.

O Mestre permaneceu impassível e com o mesmo tom e ritmo retomou o que mais parecia um fluxo de pensamentos, um solilóquio shakespeariano, iniciado num momento indefinido no tempo e que agora podia finalmente continuar. “A ciência como produtora de dados de facto é uma idiotice! Além da fé que depositamos nessas estruturas que consideramos dispensadoras de verdade, o que honestamente não parece diferir muito da ideia de acreditar em um ou mais seres superiores que, da noite para o dia, geraram a complexidade do universo.” Ele parou por um momento, tirou do bolso do casaco uma latinha de tabaco solto, alguns filtros e poucos papéis. Enquanto enrolava um cigarro continuou: “O que recebemos como um facto, como um elemento incontestavelmente verdadeiro, pertencente à esfera do real como uma entidade separada, não pode subsistir com uma ideia, especialmente quando falamos de ciência. Se pensamos no modelo científico, reflita comigo”, disse, incluindo pela primeira vez a assistente em seu discurso. “Concordará que o modelo sempre prevê uma prova, uma questionamento de um facto dado. Da mesma forma, a mesma lei usada para a demonstração do facto poder mudar, ser questionada. Então, ocorreu-me que esses são mais factores culturais, expressão de um dado período histórico, mutáveis e decididamente construídos, não acha?”. “Sim, entendo o seu ponto, mas assim deveríamos duvidar de tudo, não haveria a realidade”, a jovem mulher perdeu toda a sua convicção, o tom de voz estava muito baixo, quase o Mestre teve dificuldade em ouvi-la.

“Como sempre, gostamos de viver de extremos, afinal somos filhos de uma educação totalmente ocidental, impregnados pela ideia de estarmos sempre certos. Se nos colocam diante de algo diferente, todas as nossas certezas desabam, então nos radicalizamos.” Ele fez uma pausa para acender o cigarro, deu uma tragada profunda, segurou o fumo na sua boca por alguns segundos antes de soltá-lo lentamente e com cuidado na direção oposta à jovem. “Não precisamos necessariamente duvidar de tudo, podemos simplesmente aceitar que o que chamamos de realidade é um conjunto de construções, pequenas narrativas espontâneas e não, que juntas nos dão a medida do mundo em que vivemos. Depois, com base no contexto social e cultural, cabe a nós decidir em que ter fé, afinal, é tudo uma questão de fé!”. A jovem assistente não sabia mais o que responder, depois de todo esse discurso ela estava pouco interessada e não tinha intenção de arriscar desagradar um artista no seu primeiro mês de trabalho na galeria, e acima de tudo esperava poder voltar em breve ao escritório com a lista definitiva das obras na exposição, para finalmente começar a elaborar algumas ideias para o comunicado de imprensa. “Não sei, mas então isso também está na exposição?” tentou trazer a conversa de volta à sua esfera de competência, apontando para outra obra em papel

de arroz apoiada numa parede parcialmente pintada de rosa claro. A transparência deixava entrever a estrutura de uma grade à qual o papel estava preso com ímãs e, como o Mestre parecia não ter ouvido nem um som de sua frase anterior, ela tentou chamar novamente a sua atenção. “Ah, mas então eles estão presos com...”.

Ela nem teve tempo de terminar a frase quando o Mestre, despertado dos seus pensamentos, exclamou em voz alta: “Aqui, falou antes da narrativa dos mídia, dos factos do noticiário, da verdade de um facto. Lembrar-se-á melhor do que eu do caso daquela menina recentemente assassinada, falaram disso em todos os sítios”. Com cuidado, ele deixou a cinza do cigarro cair no cinzeiro apropriado, parecia estudar cuidadosamente a ponta para que adquirisse uma forma perfeita que não espalhasse nenhum resíduo volátil no ar, então a levou à boca e calmamente deu outra tragada intensa. “Veja aquele trabalho com a estrutura de ferro, esse me veio à mente exatamente depois de ouvir a notícia do assassinato daquela jovem, como a chamaram. Mas afinal, o que significa jovem mulher?”.

“Bem, que ela é uma criança!”

“Exatamente, com menos de 11 anos somos criança, mas entende melhor do que eu que o assassinato de uma jovem mulher por parte do exército de um país aliado parece muito menos terrível do que o assassinato de uma criança.” O Mestre esboçou um sorriso, constrangido voltou a olhar para baixo para a ripa de madeira levantada. “Veja, sei que pode parecer banal, mas isso para você não parece uma realidade construída? Não pertence ao âmbito da alteração da percepção que temos de um facto? Então o que é a verdade? Qual é o facto? Quem diz que a nossa percepção da jovem mulher não é verdadeira? E por que seria mais ou menos real a da criança?”.

“Não sei”, ela respondeu novamente de forma confusa, tentando ordenar o que o Mestre acabara de expressar, embora tivesse entendido tudo, não conseguia encontrar uma maneira de responder. Uma espécie de incomunicabilidade parecia ter caído sobre a sala, como se os dois estivessem a falar línguas diferentes. A menina decidiu ficar em silêncio, sabia que ele retomaria em breve e que qualquer intervenção seria completamente inútil. Aquela nunca tinha sido uma conversa a dois. “Muitas vezes tento questionar-me sobre os mecanismos de poder que definem a realidade como única e intangível, excluindo todo o resto. E então o que fazer com quem atravessa o mundo olhando para o homem e as coisas de maneira diferente? A resposta parece-me fácil, é médica! Fala-se em cisão da consciência, alucinações auditivas, delírios paranóicos, fala-se em separação das funções mentais, alteração das funções cognitivas e perceptivas. Sintomas, sintomas e sintomas, para serem tratados, aniquilados, escondidos, para permitir que o indivíduo saudável seja uno com a sua realidade, uniformizando-se aos cânones da sua representação única”. Ele deixou cair o cigarro ainda aceso no cinzeiro com um gesto de irritação e se levantou indo lentamente em direção à porta da casa de banho. “Hoje estou com vontade de banalidades, minha querida, mas não posso deixar de sustentar que a verdade é entediante e nunca resistiria ao confronto com a beleza do artifício, da ficção, da